

A panela da paz

uma história de amizade baseada em fatos reais

**A autora agradece a Lucas Prieto Nemeth
por ter pesquisado as frases dos defensores da paz.**

A panela da paz
© Heloisa Prieto, 2005

<i>Diretor editorial</i>	Fernando Paixão
<i>Editora</i>	Claudia Morales
<i>Editora-assistente</i>	Elza Mendes
<i>Coordenadora de revisão</i>	Ivany Picasso Batista
<i>Revisão</i>	Liliane Pedroso

ARTE	
<i>Editor</i>	Antonio Paulos
<i>Diagramador</i>	Claudemir Camargo
<i>Editoração eletrônica</i>	Divina Rocha Corte
<i>Edição eletrônica de imagens</i>	Cesar Wolf

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

P949p

Prieto, Heloisa, 1954-
A panela da paz / Heloisa Prieto ; ilustrações Ana Maria Moura. -
São Paulo : Ática, 2006
64p. : il.- (Coleção Heloisa Prieto)

ISBN 978-85-08-10161-0

1. Paz - Literatura infantojuvenil. 2. Violência -
Literatura infantojuvenil.
I. Moura, Ana Maria. II. Título. III. Série.

06-0510. CDD 028.5
CDU 087.5

ISBN 978 85 08 10161-0 (aluno)
ISBN 978 85 08 10162-7 (professor)
Código da obra CL 733181
CAE: 209021

2016
1ª edição
7ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2006
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



A panela da paz

uma história de amizade baseada em fatos reais

Heloisa Prieto

Ilustrações

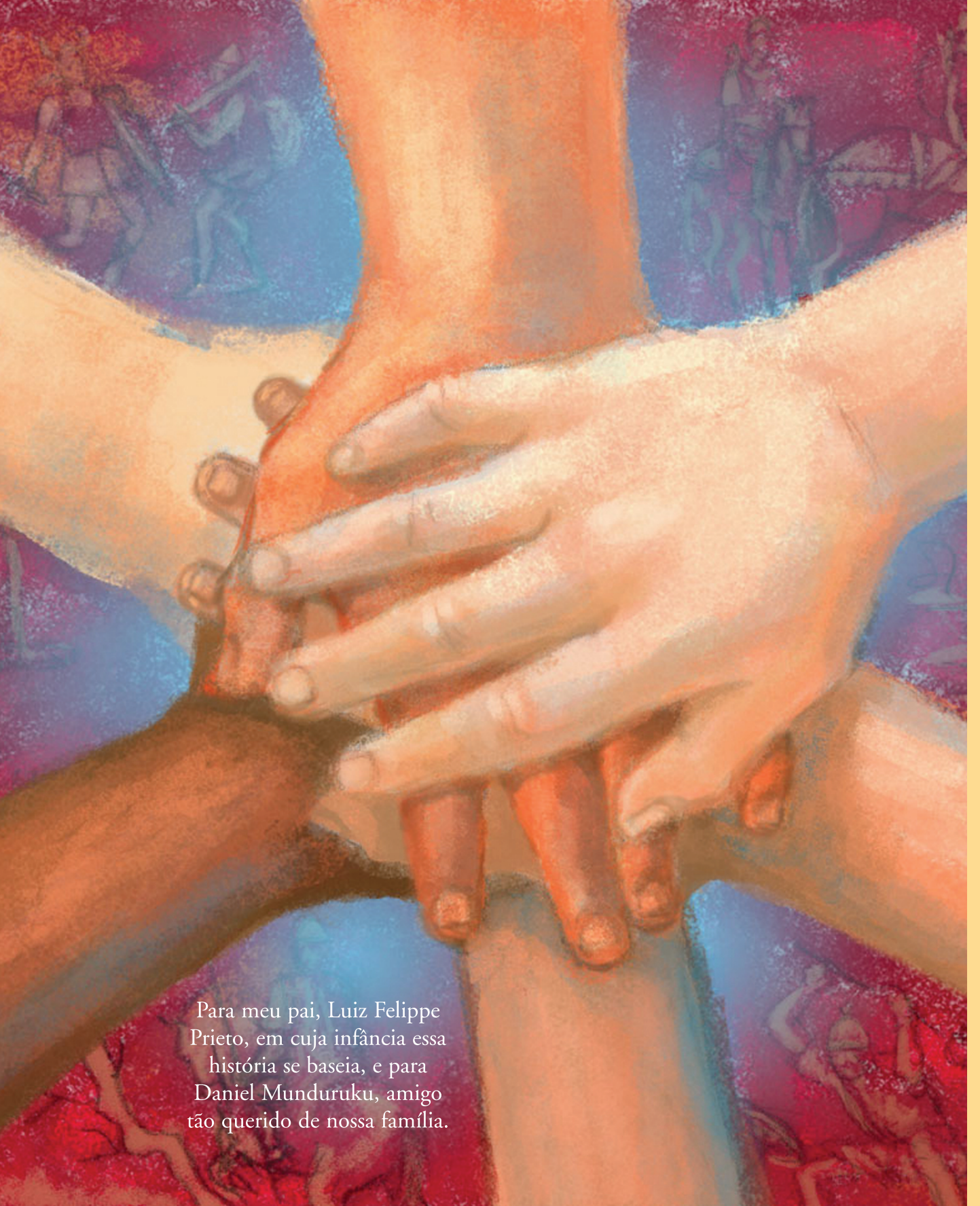
Ana Maria Moura


editora ática



Sumário

1. Os valentes cavaleiros de São Vicente	7
2. A Távola Redonda	12
3. O código de honra	16
4. Raça pura	28
5. Gente é árvore	32
6. O desaparecimento do Príncipe Valente	39
7. Todo pajé é mago	46
8. Guerra declarada	50
9. Batalha a céu aberto	56
10. A panela da paz	60
Palavras do Luiz: um personagem real	63
Palavras da autora	64

A painting featuring a central focus on a hand holding a foot. The hand is rendered in warm, golden-brown tones, while the foot is a lighter, peachy color. The background is composed of several panels in shades of blue, purple, and red, each containing faint, stylized figures that appear to be indigenous or tribal in nature. The overall style is expressive and textured, with visible brushstrokes and a rich color palette.

Para meu pai, Luiz Felipe Prieto, em cuja infância essa história se baseia, e para Daniel Munduruku, amigo tão querido de nossa família.

Os valentes cavaleiros de São Vicente

*O fim da história será o começo da paz:
o reino da inocência recobrada.*

Octavio Paz

Os valentes cavaleiros de São Vicente era o nome de uma turma de garotos que, no ano de 1943, reunia-se diariamente, no período da tarde, num barracão construído lentamente, a duras penas, sem ajuda de nenhum adulto. Por ter sido construído única e exclusivamente para as melhores brincadeiras, o Barracão era um lugar muito bom para jogar bolinhas de gude, baralho do mico, conversar, ler, guardar talismãs secretos ou outros objetos de estimação, sendo também frequentado por outras crianças que não pertenciam diretamente à turma. Do lado de fora, os adultos reparavam naqueles meninos entrando e saindo daquele barraco sempre arrebetado, sem nunca entenderem direito qual era a graça de tudo aquilo.

Era uma época em que não havia televisão, computador, *shopping center*, *skate* ou *videogame*, ninguém sabia que inventariam a bomba atômica ou mísseis, ou terroristas. Menino usava calça curta, brincava longe de menina e só ia para a escola aos 7 anos porque ainda não existiam creches ou escolas de educação infantil.

Porque não se tinha ideia de como uma guerra atômica poderia destruir o mundo inteiro, ou que um dia existiriam armas letais de alta tecnologia, para a maioria das pessoas lutar numa guerra era mais ou me-

nos normal. Algo que acontecia de tempo em tempo quando havia discórdia entre países. Vencer numa guerra era motivo de honra. Ninguém nem sequer sonhava que um dia existiriam grandes pacifistas como o sábio Gandhi ou a corajosa Madre Teresa de Calcutá. De modo que brincar de soldadinho ou usar espadas e medalhas nas festas escolares eram costumes da moda.

Muitas aventuras fazem parte das lembranças daquela turma do Barracão, mas a história que me contaram teve início numa manhã de sol, quando um de seus membros fundadores, um garoto corajoso e atlético chamado Luiz, então com seus 9 anos, desceu correndo do quarto para tomar rapidamente seu café da manhã.

Na mesa de café, sua mãe, Leonor, e sua tia, Marina, liam o jornal escondido de seu pai, Thomaz.



ambas conheciam as manias dele, sabendo, portanto, que seu Thomaz gostava de tudo muito organizado e detestava, acima de todas as coisas, abrir um jornal amassado para acompanhar as notícias do dia.

Cuidadosamente, ambas liam as manchetes evitando dobrar as pontas das páginas, murmurando entre si as notícias sobre a Segunda Guerra Mundial.